



PAULO DO CARMO MARTINS

## É PRECISO MECANIZAR

No artigo da edição passada, publicado neste espaço, iniciei uma discussão sobre a mudança de patamar nos custos da mão de obra da atividade e o que isso vai implicar em termos de mudança no modo de produzir leite aqui no Brasil. Surpreendentemente, os argumentos que ali apresentei se materializaram lá em casa na semana seguinte à sua publicação, quando a máquina de lavar roupa enguiçou. Embora ela seja bem conservada até na aparência, percebi que era mais negócio comprar outra, novinha, do que mandá-la para o conserto.

O que produção de leite e conserto de máquina de lavar roupa têm em comum é algo interessante e pouco percebido. Refiro-me à mudança de preços relativos dos fatores de produção e como isso muda a maneira de organizar processos produtivos. Dito, assim, parece coisa complicada. Mas você, que já acompanha esta seção há mais tempo, sabe que não existe assunto complicado em economia que a gente não consiga conversar de maneira fácil, não é mesmo?

Começo contando uma história real. Em 1980, iniciei meu curso de economia na Universidade Federal de Juiz de Fora. O campus ficava longe do centro da cidade, numa região de periferia, isolada, quase rural, a 1.100 m de altitude, ao passo que a cidade estava a 550 m. Aquela área era muito pobre e habitada em grande parte por descendentes de alemães. Eles haviam chegado a Juiz de Fora no início do século XX, logo após o final da Primeira Grande Guerra, e vieram fugindo da miséria e da humilhação que os europeus impuseram ao seu país.

Eles escolheram Juiz de Fora por ser, à época, uma cidade mundialmente conhecida pelas indústrias que tinha. Portanto, os alemães vieram em busca de trabalho e foram procurar o local que mais se assemelhava ao seu país para viver, que era a tal região, mais alta e fria. Ficaram lá isolados durante décadas, até que nos anos 50 foi ali instalado o campus da universidade.

Em 1980, o espaço no ônibus que levava à escola era disputado pelos estudantes e pelas lavadeiras de roupa de descendência alemã, que moravam próximo da universidade. Elas desciam para o centro da cidade carregando trouxas imensas de roupa limpa e subiam com outras de roupa suja. A cliente dava o sabão, na expectativa de manter um controle de qualidade no processo de lavagem, ainda que à distância.

No balançar do ônibus que subia ou descia o morro vagarosamente, eu me punha a olhar condoído para aquelas moças e senhoras. Numa década de taxas de desemprego e de inflação recorde, não havia muitas oportunidades de se fazer renda para quem tinha baixa escolaridade. Aquelas mulheres encontraram, então, na tarefa de lavar roupa, a oportunidade de levarem um pouco de dinheiro para casa no final de um mês.

Por outro lado, as donas de casa que moravam no centro ou nos bairros de melhor poder aquisitivo sabiam a trabalhadeira que dava a operação de lavar e passar roupa, e viram neste novo serviço a oportunidade de terceirizar esta tarefa doméstica. Portanto, quem podia, desconhecia o ditado "roupa suja se lava em casa". Assim, a região do bairro São Pedro, que concentrava a população de baixa renda da cidade, assumiu a condição de lavanderia de Juiz de Fora, com muitas famílias cumprindo esta função.

Esta história nos ensina que o preço cai quando há um excesso de oferta em relação à demanda. Isso vale para o preço do leite e dos salários também. Então, naquele momento, a legião de alemãzinhas desesperadas, na luta pela sobrevivência, era em número tão grande que jogou o preço da mão de obra no chão. Isso definiu o modo de organizar a lavagem de roupa. Mas, na década seguinte, você sabe, veio o Plano Real que, diga-se de passagem, completou 18 anos no mês passado.

Com o Plano Real começou uma revolução silenciosa, e vamos entender o motivo.

A inflação é cruel com o pobre, pois corrói o seu poder de compra. O fim da inflação, por consequência, aumenta o poder de compra do pobre. O controle da inflação, que veio com o Plano Real, imediatamente melhorou as condições de vida do pobre brasileiro, que passou a comprar mais. Quando uma sociedade passa a consumir mais, há uma consequente melhoria no nível do emprego e isso é fácil de entender.

Com o aumento do consumo é necessário elevar a produção. Ocorre que o crescimento da produção puxa o aumento do nível de emprego. Com mais pessoas empregadas o país tem mais consumo, o que estimula a produção, que gera mais empregos novos. Assim, temos o ciclo da riqueza em crescimento.

Pois foi isso que aconteceu na década de 1990 aqui no Brasil. Geramos uma grande quantidade de empregos, em todo o País. Com o crescimento da oferta de emprego, os salários tendem a melhorar e a mão de obra passa a exigir condições que antes nem eram pensadas. Portanto, as alemãzinhas já não estavam mais tão dispostas a enfrentar ônibus urbano carregando trouxas de roupas imensas e ter que circular pelo centro da cidade com elas.

Além disso, o custo da passagem de ônibus foi ficando mais caro. Por outro lado, com a melhoria geral do poder aquisitivo, as máquinas de lavar roupa foram ficando relativamente mais baratas e mais acessíveis. Também ficou mais fácil cuidar da roupa, com os novos materiais usados em sua fabricação. O resultado foi o fim das alemãzinhas lavadeiras. Roupa suja voltou a ser lavada em casa.

O que aprendemos de tudo isso é que, em 1980, lavar roupa era um trabalho braçal, ou seja, era uma atividade que utilizava intensivamente o fator de produ-

ção trabalho, porque o trabalho era barato em relação ao capital, representado pelas máquinas de lavar roupa. Mas à medida que o fator trabalho foi ficando relativamente caro, e o capital, relativamente barato, houve uma mudança no processo de lavar roupa. A máquina substituiu a alemãzinha lavadeira, que nunca mais voltou para o tanque.

Na produção de leite o fenômeno não é diferente. Sob todos os aspectos, os custos mão de obra estão inviabilizando a produção de leite. Não é viável mais produzir à base do uso intensivo da mão de obra. Agora, a máquina precisa ocupar o lugar do homem. Para isso, é necessário agir no sentido de gerar quatro transformações fundamentais.

A primeira é repensar nas tecnologias disponíveis e verificar se elas resistem ao teste econômico desta nova realidade. Por exemplo, considerando a escassez de mão de obra que veio para ficar e seu custo, em que patamares é economicamente eficiente usar a cana-de-açúcar na atividade leiteira? A segunda está relacionada ao padrão tecnológico do maquinário disponível. Precisamos de máquinas compatíveis com a realidade brasileira e não daquelas desenvolvidas e criadas no exterior.

A terceira diz respeito à necessidade de linhas de financiamento com prazo de carência mais dilatado, pois o padrão atual inviabiliza a amortização do investimento sem comprometer o caixa das propriedades. A quarta é desenvolver serviços de aluguel de máquinas. Estamos diante de um novo desafio e de uma nova oportunidade. ■

*Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora.*

**Na produção de leite é preciso repensar as tecnologias e verificar se resistem ao teste econômico desta nova realidade**



O combate às moscas que atacam vacas leiteiras

# BALDOBRANCO

**ENTREVISTA**  
O criador de gado Holandês  
**HANS JAN GROENWOLD**,  
fala sobre a raça no Paraná e no Brasil

Silagem de napiê viabiliza produção de leite no PR

No Nordeste, aumento de consumo gera investimentos

## HOLANDA

Longevidade é uma das principais marcas do rebanho leiteiro criado em terras holandesas, um país que se prepara para o fim das cotas com vacas produtivas, média de 3,8 lactações, e produtores querendo produzir muito

Como evitar os distúrbios do período de transição

